



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
comemoração dos 100 anos do Porto do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro-RJ, 30 de agosto de 2010

Meu caro companheiro Pedro Brito, ministro da Secretaria de Portos,
Meu caro companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,
Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,
Eloi Ferreira de Araujo, da Secretaria de Políticas de Promoção da
Igualdade Racial,

E nossa querida companheira Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas
para as Mulheres,

Quero cumprimentar o nosso querido senador Regis,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o almirante-de-esquadra Luiz Umberto de
Mendonça, comandante de Operações Navais,

O Julio Bueno, secretário estadual de Desenvolvimento Econômico,
Energia, Indústria e Serviços,

Quero cumprimentar o Jorge Luiz de Mello, diretor-presidente da
Companhia Docas, por meio de quem cumprimento os diretores e funcionários
do Porto do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o Sérgio Giannetto, presidente do Sindicato dos
Portuários do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o Adácio Carvalho, superintendente do Porto do Rio de
Janeiro,

E o Marco Aurélio de Souza, diretor regional dos Correios,

Cumprimentar os empresários que estão aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,



E dizer a vocês da alegria de estar, mais uma vez, aqui no Porto do Rio de Janeiro. Há cem anos, em 20 de julho de 1910, o presidente Rodrigues Alves aprovou uma política de modernização do Rio de Janeiro, então Capital Federal, que levou à construção da Avenida Central – hoje Avenida Rio Branco.

Incentivado pela ação do Presidente, o prefeito da época, Pereira Passos, empreendeu importantes reformas urbanísticas na cidade. As grandes transformações históricas do Rio de Janeiro no começo do século XX tiveram como cenário principalmente o centro da cidade, a região do Porto e o coração da metrópole.

Getúlio Vargas, em 1934, decidiu modernizar a administração do complexo portuário criando a Administração do Porto, hoje Companhia Docas do Rio de Janeiro. Agora, cem anos depois da inauguração do Cais Lauro Muller, a região ganha novas perspectivas por meio de iniciativa integrada dos governos federal, estadual e municipal.

Há pouco mais de um ano, em 23 de junho de 2009, as três esferas de governo lançaram no Píer Mauá o projeto de Revitalização do Porto do Rio de Janeiro, o Porto Maravilha.

Isso vai significar maior qualidade de vida para as pessoas que moram e trabalham na região e de nova efervescência cultural para todos os cariocas, para todos os brasileiros e para todos os turistas do mundo inteiro que vierem ao Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro é o nosso maior cartão postal. É uma cidade reconhecida no mundo por sua beleza, cultura e receptividade, motivo de orgulho não só para os cariocas, mas para todos os brasileiros e brasileiras.

A cidade se transformará na capital ecológica mundial em 2012, com a Conferência das Nações Unidas Sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, e na capital esportiva mundial em 2016, com os Jogos Olímpicos, sem falar na Copa do Mundo em 2014.



A revitalização do porto do Rio é parte fundamental do nosso caderno de obrigações apresentado ao Comitê Olímpico Internacional e será um dos maiores legados para os cariocas no fim dos Jogos.

Lembrar que além das Olimpíadas e além da Copa do Mundo de 2014, nós teremos a Copa das Confederações em 2013 e teremos a Copa América em 2015, portando, são quatro anos, além dos Jogos Militares, no ano que vem, em 2011, ou seja, são praticamente quatro anos consecutivos em que o Brasil e o Rio de Janeiro virarão, eu diria, o centro esportivo do mundo.

Além disso, o Ministério do Turismo e a Secretaria Especial dos Portos estão realizando esforços conjuntos para melhorar a infraestrutura portuária do Rio de Janeiro e de todo o país. Entre as prioridades, estão os 35 terminais portuários localizados nos Destinos Turísticos Indutores do Desenvolvimento Regional, voltados para o maior atendimento da demanda do turismo. Esta parceria prevê a construção de terminais de passageiros, melhoria das vias de acesso aos portos e revitalização das orlas marítimas, como a que vai ocorrer aqui na cidade do Rio de Janeiro.

Em 2007, criamos a Secretaria Especial de Portos. O Brasil necessitava de um órgão que formulasse políticas e diretrizes para o setor e apoiasse o desenvolvimento da infraestrutura portuária. Por nossos portos passam 95% de todo o fluxo do comércio exterior do nosso país. Portanto, é importante lembrar que além dos turistas, os portos praticamente são responsáveis por mais de 90% de tudo que sai do Brasil e tudo que entra no nosso país, do ponto de vista da riqueza produzida e da riqueza comprada.

A primeira medida foi profissionalizar as administrações da autoridade portuária. Ainda em 2007, instituímos o Programa Nacional de Dragagem Portuária e Hidroviária, implantando os conceitos de “dragagem por resultado” e de “gestão portuária por resultados”.

Já concluímos três obras que aumentaram em 30% a capacidade operacional dos portos de Recife, Rio Grande e Angra dos Reis. Se eu estiver



dizendo alguma coisa que não é verdade, Brito, você balança a cabeça assim ou assim, afirmativamente.

O Porto do Rio... Eu não vou falar da quantidade de dinheiro que recebeu o Porto do Rio de Janeiro, porque já foi falado pelo Brito. Eu não vou falar quanto tem no PAC 2, porque o Brito já falou. Eu só vou dizer que em todo o estado do Rio de Janeiro, os investimentos federais em portos até 2014 somam R\$ 1 bilhão e 304 milhões para o estado do Rio de Janeiro.

Todo esse esforço de investimentos públicos na estrutura portuária está melhorando cada vez mais o desempenho das exportações e também a eficiência da nossa navegação de cabotagem. Esse esforço exige também a participação cada vez maior de investimentos privados, que já estão sendo feitos de Norte a Sul em portos privados e em terminais arrendados em portos públicos.

A indústria naval, por sua vez, recuperada no nosso governo, tem apresentado um avanço extraordinário, e o interesse da iniciativa privada em novos investimentos, felizmente, e para o bem do Brasil, não para de crescer.

Os resultados estão aí para todos verem. Apenas um exemplo: pesquisa do Banco Mundial dá conta de que o setor de logística brasileiro subiu 20 posições nos últimos três anos, e a expectativa é de ficar entre os dez primeiros do mundo nos próximos dez anos.

Meu caro Brito, meu caro prefeito,

Todos vocês estão notando aqui a ausência do nosso governador. Há um vazio nesse palanque, porque falta uma pessoa importante. Tem um aqui, que é o Eduardo Paes, mas falta o nosso governador Sérgio Cabral. E acho importante o povo carioca compreender o seguinte: eu termino o meu mandato no dia 31 de dezembro à meia-noite, mas ainda fico segurando a faixa até às 10 horas da manhã, quando o Congresso Nacional der posse a quem for eleito no país.

Mas eu queria fazer um testemunho, meu caro prefeito, deputados,



senadores, que a maioria não está aqui porque a lei não permite, mas eu queria prestar um depoimento: quando o companheiro Sérgio Cabral disputava as eleições e a gente estava em palanques diferentes, com alianças diferentes, e no segundo turno a gente pôde trabalhar juntos, nós fizemos um comício. E naquele comício eu dizia ao então candidato que se ele e eu ganhássemos as eleições, em 2006, a gente poderia dar uma lição ao Rio de Janeiro, aos governantes que tinham governado o Rio de Janeiro, porque nós poderíamos construir uma aliança política que pudesse fazer com que o Rio de Janeiro tivesse restituído, do ponto de vista de investimento do governo federal, aquilo que o Rio de Janeiro tinha perdido ao longo dos anos, desde que o Rio deixou de ser capital. Ou seja, o Rio de Janeiro, de uma hora para outra, perdeu de ser capital e, de uma hora para outra, perdeu o estado da Guanabara. O Rio de Janeiro foi ficando desmotivado e os investimentos começaram a deixar de acontecer no Rio de Janeiro durante muito tempo.

Era preciso, então, que se reconstruísse uma parceria. O governo federal não poderia ficar perseguindo o Rio de Janeiro; o governador do Rio de Janeiro não poderia ficar se atritando com o presidente; o governador e o prefeito deveriam se entender bem; o governador, o prefeito e o presidente deveriam construir as parcerias que devolvessem ao Rio de Janeiro aquilo que o Rio e Janeiro tem direito, no Brasil, por ter sido a nossa capital e por ser o estado e a cidade que melhor representa a imagem do Brasil no exterior.

Pois bem, eu vou terminar o mandato com a consciência tranquila de que, com você, meu caro Eduardo Paes, em dois anos que você ainda não completou, nós já construímos mais parcerias do que em seis anos com outro prefeito que tinha na cidade, que não gostava de trabalhar com o governo federal, que não aceitava trabalhar com o governo federal. Eu tenho a convicção de que o que nós fizemos nesses últimos seis anos, nesses últimos quatro anos, no meu segundo mandato, eu tenho a convicção de que nós conseguimos, juntos, com a parceria com a prefeitura e com o governo do



estado, fazer mais investimentos no Rio de Janeiro do que tudo o que foi feito nos últimos 20 ou 25 anos por outros governantes que passaram pelo Brasil e pelo estado do Rio de Janeiro.

Essa é uma política de gratidão, é uma política de gratidão, porque eu duvido que tenha havido no país alguém mais republicano do que eu, eu duvido que tenha um prefeito, de qualquer partido político neste país, que possa dizer que: “porque eu não sou de tal partido, o presidente nunca me atendeu”. Qualquer que seja o partido, ou qualquer que tenha sido o prefeito ou governador, foram tratados em igualdade de condições neste país. É só pegar os investimentos do PAC que nós vamos perceber que não tem diferença; é só pegar o Minha Casa, Minha Vida que a gente vai perceber que todos receberam proporcional ao número de habitantes.

Por isso, eu quero, Eduardo, terminar o meu discurso dizendo o seguinte: você, faz pouco tempo que é prefeito, mas eu acho que, nesse pouco tempo que você é prefeito, você já conseguiu arrancar do governo federal mais do que nos últimos 10 ou 15 anos alguém conseguiu buscar no Rio de Janeiro. E nós fazemos isso porque temos a convicção e a certeza de que vocês estão aplicando corretamente os recursos, e a gente pode sentir quando vai lançar o primeiro programa de turismo, lá no morro Santa Marta, ou seja, uma favela que, há um tempo, era vista pelas páginas de jornais... nas páginas policiais, hoje vai ser vista na página de turismo, porque o povo vai começar a frequentar para ver, onde tinha guerra, como é mais fácil construir a paz.

A segunda coisa é que hoje eu vi uma coisa fantástica no Rio de Janeiro, que eu tenho que elogiar: um caminhão ambulante com a máquina de ressonância magnética, para viajar o estado inteiro, fazendo com que as pessoas pobres tenham direito de fazer uma ressonância magnética, coisa, até agora, só para quem tem um bom plano médico ou para gente rica, ou o pobre, às vezes, do SUS, se esperar três, quatro anos para fazer. Então, eu acho que



o Rio de Janeiro está dando uma nova lição que todo o Brasil tem que aprender.

Por último, inaugurar... Eu vim aqui a primeira vez, isso aqui estava muito decadente, ô Brito. Eu quero elogiar, porque isso aqui agora a gente pode dizer que é um centro de atração turística, e eu espero que mais coisas sejam feitas aqui, para ficar mais bonito, mais gente frequente, da mesma forma que toda essa área aqui, que era portuária, que é ligada ao Patrimônio da União, que nós vamos ter que dar um jeito de vender, de dar, de emprestar, de qualquer coisa para que a prefeitura possa, dentro desse processo de revitalização da cidade do Rio de Janeiro, dar ao Rio de Janeiro aquilo que o Rio merece, não apenas para as Olimpíadas, mas para todo o sempre, porque o Rio de Janeiro precisa voltar a ser orgulho de todo o povo brasileiro.

Um abraço e bom trabalho para todos nós.

(\$211A)